

EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00086
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Mato Grosso
CAMPUS	Cuiabá
CIDADE	Cuiabá
UF	MT
CATEGORIA	PT
MODALIDADE	PT13
TÍTULO	Comunicação acessível e multimidiática na cobertura da Liga das Nações de Vôlei
ESTUDANTE-LÍDER	Verônica da Rocha Paulino
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social - Radialismo

COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:

Anny Gabrielly Martins Carvalho (Universidade Federal de Mato Grosso); Caroline Ferreira de Almeida (Universidade Federal de Mato Grosso); Éverton Daniel de Campos Anunciação (Universidade Federal de Mato Grosso); Jenisson Edy Viana Bartniski (Universidade Federal de Mato Grosso); Layse Karolline de Oliveira Ávila (Universidade Federal de Mato Grosso); Letícia Fernanda Souza Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso); Mylena Leite Machado (Universidade Federal de Mato Grosso); Rahuan Angelo Arantes (Universidade Federal de Mato Grosso); Rogério Antônio de Lima Júnior (Universidade Federal de Mato Grosso); Victor Amaral Arias (Universidade Federal de Mato Grosso); Dôuglas Aparecido Ferreira (Universidade Federal de Mato Grosso); Luãn José Vaz Chagas (Universidade Federal de Mato Grosso); Pâmela Saunders Uchôa Craveiro (Universidade Federal de Mato Grosso); Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Este produto resulta da experiência da narração esportiva em áudio e cobertura em redes sociais das partidas da seleção brasileira na Liga das Nações de Voleibol Masculino (VNL) de 2019, realizada por integrantes da TOCA - Agência Experimental de Comunicação, da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A cobertura multimídia foi realizada a partir de uma parceria e formação prévia junto à Associação Matogrossense dos Cegos (AMC). A narração ao vivo das partidas em áudio, no formato radiofônico, foi transmitida por meio do Facebook diretamente das cabines de transmissão do Ginásio Aecim Tocantins, em Cuiabá-MT, entre os dias 21 a 23 de junho. A transmissão radiofônica em áudio pelo Facebook da TOCA atingiu dois objetivos: experimentar estratégias de acessibilidade comunicativa, sobretudo pela parceria com a AMC, e explorar uma das principais formas de acesso à informação em Mato Grosso. A abrangência do meio em uma das regiões de maior vazão noticioso no país se alia ao consumo em áudio como uma característica demonstrada no Book de Rádio 2019 (Kantar Ibope Media), que reafirma a escuta de 83% da população nas 13 regiões metropolitanas onde há aferição. É importante destacar a abrangência do rádio na região Centro-Oeste, onde 81% da população é ouvinte, consumindo diariamente 4h30 de conteúdo. A cobertura em áudio pelo Facebook e a construção de conteúdos informativos para as redes sociais da TOCA permitiram praticar questões trabalhadas no âmbito das reflexões da agência. A transmissão por streaming, por exemplo, é recorrente nas principais emissoras do país em eventos esportivos, como as partidas de futebol. Isso se alia ao conceito de rádio expandido de Marcelo Kischinhevsky, no livro "Rádio e Mídias Sociais" (Mauad X, 2016), para quem é preciso entender as diversas linguagens além do AM e do FM. Essa adaptação do rádio também se une ao que define Débora Cristina Lopez, no livro "Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica" (LabCom Books, 2010), sobre o rádio hipermediático. O meio, que ainda tem o áudio como foco, também agrega imagem e estratégias de veiculação em diferentes plataformas. O meio de difusão utilizado para chegar aos ouvintes, foi a transmissão via streaming utilizando o Facebook da TOCA. Buscamos a rede social que possibilitaria utilizar somente o áudio em tempo real pela internet por meio da plataforma OBS Stúdio,

sendo a live uma ferramenta que permite transmissões ao vivo como publicações na linha do tempo dos usuários. A transmissão via streaming teve um grande potencial de alcance e foi a única transmissão local em Mato Grosso das partidas da seleção brasileira (e a única além do SporTV, canal detentor dos direitos de imagem do evento). No vídeo do primeiro jogo que transmitimos tivemos 1.100 visualizações, sendo que, no ginásio, tínhamos 3.656 mil espectadores, além dos 89 comentários, 10 compartilhamentos e 49 reações, números expressivos para a primeira transmissão esportiva experimental realizada por estudantes de Cuiabá (MT). Foi realizada uma cobertura especial para o Instagram da TOCA, com informações do pré-jogo, stories do aquecimento das equipes, informações importantes sobre as seleções que iriam se enfrentar, além de fotos em tempo real, do começo ao final da transmissão, postadas no feed. A publicação com informações do resultado do primeiro dia de jogo no perfil teve um alcance de 544 pessoas, obtendo 54 visitas, 75 curtidas, 2 comentários e uma marcação como salvo. Estudantes das habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Radialismo tiveram a oportunidade de colocar em prática o que aprenderam. Além de estruturar uma cobertura internacional em diferentes plataformas, a experiência ainda marcou história com a primeira mulher a narrar uma competição esportiva em tempo real em Mato Grosso, a estudante Verônica Rocha.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Tivemos uma preparação intensa para a realização da cobertura experimental da competição. Os primeiros aspectos da pesquisa foram as aproximações com os conceitos de narração radiofônica e suas diferenças entre as escolas narrativas conotativa e denotativa, como afirma Luiz Artur Ferraretto no livro "Rádio, teoria e prática" (Summus, 2014). É importante ressaltar que a narração esportiva em áudio muitas vezes não está presente nas grades de formação de jornalistas, radialistas e publicitários, como afirma Damián Fraticelli em "El nacimiento de las transmisiones deportivas o de cómo la radio comenzó a construir acontecimientos sociales en directo" (La Crujía, 2008). A TOCA trabalha a comunicação com a perspectiva freiriana, exercendo-a como prática dialógica e oportunizando um espaço onde professores e estudantes possam praticar o que se discute em sala de aula e pensar em possibilidades do que entendemos por cidadania comunicativa, a partir de Maria Cristina Mata no artigo "Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación" (Fronteiras, 2006). Também participamos de uma formação com os associados da AMC, que ajudou a pensar a narração e sua importância para a experiência de pessoas com deficiência visual. Foi possível ouvir as necessidades de todos (inclusive de atletas da associação) e assim pensar em uma cobertura experimental que atendesse às suas críticas e necessidades. Ainda que o IBGE aponte, no último censo (2010), que 24% da população brasileira tenha algum tipo de deficiência (cerca de 45,5 milhões de pessoas), a acessibilidade comunicativa ainda é uma lacuna, gerando "práxis cotidianas deficientes", conforme Marco Bonito, Larissa dos Santos e Letícia Beilfuss no artigo "O jornalismo deficiente, sem acessibilidade comunicativa, nas práxis cotidianas do grupo RBS de Comunicação" (SBPJor, 2017). O formato de narração radiofônica e sua potencialidade descritiva para os lances procurou evitar falas excludentes, como a citada por eles, "olha o que ele fez", um erro comum nas narrações da televisão. Como explica Ferraretto (2014), a utilização deste modelo de narração está inserida na escola denotativa, com a explicação do lance em si, diminuindo o número de gírias ou palavras que não são do entendimento cultural coletivo de uma determinada região. A falta de conteúdos que atendam às necessidades dos associados é grande. Segundo o diretor de esportes da AMC, Luciano Campos, uma das ferramentas para melhoria nas produções comunicacionais é a audiodescrição. Inspirados nessa formação, constantemente lembrávamos a posição em que os times estavam em quadra, a cor dos uniformes, o nome e a numeração dos jogadores, como a torcida estava se comportando, tudo com o intuito de colocá-los dentro da quadra, sentindo a experiência que nós estávamos vivendo. Muitas vezes os profissionais aprendem a narração esportiva no cotidiano, nas beiras de gramados e quadras esportivas. A ausência de reflexão sobre essas características específicas que marcam o modelo radiofônico de narração, como a descrição do ambiente, a acessibilidade, a emoção, a tonicidade, a busca pela atenção do ouvinte. Essas questões se uniram a dados sobre apuração, especificidades das redes sociais, com as diferenças de cobertura entre Facebook e Instagram. Também foram feitas cinco oficinas de capacitação para os integrantes da TOCA: I) "Oficina de Narração Esportiva" para entender o papel do(a) narrador(a); II) "Oficina sobre Vôlei" com detalhes, regras e características do esporte; III) "Oficina de Apuração em Jornalismo Esportivo" para levantar dados específicos sobre as seleções, jogadores e scout; IV) "Oficina de Cobertura Esportiva em Redes Sociais", em que utilizamos smartphones para atividades práticas e planejamos a nossa transmissão radiofônica articulada a uma cobertura via stories e feed do Instagram; V) "Oficina de Prática em Jornalismo Esportivo" com a prática da narração, a apuração e a cobertura.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Para as transmissões ao vivo utilizamos uma mesa de áudio emprestada do Departamento de Comunicação da UFMT e conectávamos ela a um notebook emprestado por uma estudante, utilizando do programa OBS Studio para incluir no perfil do projeto no Facebook uma imagem padrão, com as bandeiras das seleções que iriam se enfrentar, o dia e o horário do confronto e a logomarca do projeto. Os fones de ouvido eram dos próprios estudantes e os microfones também foram cedidos pelo Departamento. As equipes que iriam realizar a cobertura foram definidas previamente. Rahuan Arantes atuou como repórter da arquibancada e o professor Luã Chagas atuou como comentarista das equipes adversárias da seleção brasileira, sendo responsável também pela supervisão e técnica de som, ambos presentes nos três dias de cobertura. As equipes de narração foram compostas pelo(a) narrador(a), um(a) comentarista que atuava na síntese dos lances e o(a) repórter de quadra. Para o primeiro dia de jogo: Victor Arias, Mylena Machado, Éverton Anunciação; no segundo dia: Verônica Paulino, Jenisson Bartniski e Anny Carvalho; e no terceiro dia: Jenisson Bartniski, Letícia Pereira e Layse Ávila, respectivamente. Essa sequência seguiu o padrão de narrações esportivas, mas inovou na possibilidade de transmissão em streaming e em conjunto com redes sociais, considerando demandas de acessibilidade. Também tínhamos dois integrantes que atuaram de suas casas, nos três dias de cobertura, postando nas redes sociais em parceria com quem estava à beira da quadra, Caroline de Almeida e Rogério Júnior. É importante ressaltar que quem não estava cobrindo o jogo do dia tinha a função de auxiliar as equipes de transmissão com informações. A cobertura começou antes do dia da competição, acompanhando os treinos da seleção brasileira, fazendo entrevistas com os jogadores e com a comissão técnica. Os dias dos treinos também serviram para a realização de testes com os equipamentos que seriam utilizados nos dias dos jogos. No primeiro dia de jogo (21), a cobertura durou 2h39min50seg, a transmissão de Brasil e Bulgária teve 3.934 pessoas alcançadas, com 1.078 envoltimentos, 50 curtidas, 89 comentários, 10 compartilhamentos e 1.100 visualizações. No segundo dia (22), a cobertura durou 2h53min31seg, a transmissão de Brasil e Alemanha teve 697 pessoas alcançadas, com 1.105 envoltimentos, 48 reações, 175 comentários, 3 compartilhamentos e 532 visualizações. No último dia (23), a narração de Brasil e Rússia teve 2h21min52seg, 783 alcances, 627 envoltimentos, 43 reações, 159 comentários, 5 compartilhamentos e 624 visualizações. As equipes chegavam ao ginásio 6h antes para acompanhar o primeiro jogo, a fim de criar conteúdos para movimentar as redes sociais e só deixavam o ginásio 1h depois do término das partidas, produzindo relatos sobre a cobertura. A cobertura não ficou restrita à narração: houve produção constante de stories informativos, fotografias, além de posts no Facebook e no Instagram buscando inserir nossos seguidores na competição. Para produzir os conteúdos fotográficos foi utilizada uma câmera da Canon T3i emprestada de um dos integrantes. Os celulares utilizados para fazer posts e stories também eram dos alunos. A TOCA também realizou na segunda-feira posterior à etapa da VNL uma palestra sobre

"Assessoria Esportiva" com Rogério Lauback, assessor da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV). A cobertura realizada pela TOCA da VNL 2019 foi histórica, a TOCA foi a primeira equipe da UFMT que cobriu um evento esportivo internacional. Destaca-se a preocupação do projeto em selecionar mulheres para as transmissões, desestigmatizando a cobertura esportiva como uma função masculina e possibilitando uma narração radiofônica mais acessível, engajada com demandas locais e menos estereotipada. Além disso, a oportunidade de ter uma experiência profissional, fora das salas de aula, deu aos estudantes uma nova visão de seus cursos e do que podem exercer após a graduação.